

FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO (FNPJ)
XIV ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO
X CICLO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE JORNALISMO
MODALIDADE DO TRABALHO: Relato de Experiência
GRUPO DE PESQUISA: Produção Laboratorial – Eletrônicos

A paisagem sonora como recurso no ensino e produção de radiodocumentários

Ana Carolina de Araújo Silva¹
anacarolinaaraujosilva@yahoo.com.br

Palavras-chave: Paisagem Sonora; Radiojornalismo; Radiodocumentário

Na UEMG (Universidade do Estado de Minas Gerais), Campus de Frutal, o curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo oferece a disciplina “Radiojornalismo: teoria, produção e edição” no 5º período do curso. Na ementa, há a possibilidade de trabalhar com diversos formatos, além do radiojornal. Em 2011 e 2012, construí o plano de ensino com foco, no último mês da disciplina, na produção de radiodocumentários.

Além de explorar as definições do formato e apresentar exemplos, introduzi o breve estudo sobre a paisagem sonora como um dos recursos da radioreportagem e, em especial, do radiodocumentário. Iniciei tal estudo no projeto experimental de conclusão do curso no final da minha graduação e introduzi o conceito na disciplina que ministro com o intuito de estimular os novos jornalistas a explorar a notícia para rádio utilizando elementos que vão além da palavra.

Conceitos

As características sonoras de cada lugar, com suas especificidades e características cosmopolitas, foram denominadas de *soundscape* pelo canadense Murray Schafer, músico e também estudioso da música. Na versão em português, as obras de Schafer, passaram a traduzir *soundscape* como paisagem sonora. Definindo o termo pelo próprio autor:

¹ Professora e coordenadora do curso de Comunicação Social com habilitações em Jornalismo e em Publicidade e Propaganda da UEMG (Universidade do Estado de Minas Gerais), Campus de Frutal. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Metodista de São Paulo.

[...] Então criei esta palavra “paisagem sonora” (*soundscape*), que quer dizer a totalidade do ambiente sonoro em que vivemos, todos os sons ambientes não só os sons musicais, os sons do nosso cotidiano. E uma paisagem acústica é algo dinâmico, está sempre mudando. (SCHAFFER, apud. EL HAOU LI, J.; FONTEERRADA, M.; TABORDA, T., 1998. p. 80)

Independente da perspectiva de trabalho com as paisagens sonoras, elas se diferenciam conforme o local, bem como contam com outras variantes. Segundo Schafer (1998, p. 10), os sons são distintos de acordo com o tempo e com as estações. Há sons diurnos e noturnos, e sons que variam de acordo com a estação do ano. Na vida urbana, as transformações sofridas pelas paisagens sonoras sofrem alteração de acordo com a mudança de hábito da população. O uso ostensivo de objetos, máquinas e utensílios contribuem para caracterizar a paisagem sonora de cada lugar e época.

Quando falamos na paisagem sonora do mundo moderno, é relevante considerar a proliferação do ruído nos centros urbanos, o que interfere radicalmente na percepção auditiva do homem. Após a revolução industrial, os sons naturais foram, gradativamente, sendo substituídos pelo som dos maquinários mecânicos e elétricos.

Para Schafer, as cidades grandes apresentam um desequilíbrio da paisagem sonora muito maior que o campo. Na cidade, os sons diversos e fortes se sobrepõem uns aos outros. Já a paisagem campestre ou de locais afastados do burburinho urbano apresenta sons mais bem definidos.

Heloisa Valente reafirma Schafer acrescentando que a escuta do mundo moderno está passando para o ostinato, ou seja, ouve-se, mas não se escuta:

O cidadão deste final de século parece, contudo, ter-se habituado a esse moto perpétuo, relegando o hábito de escutar ao de apenas ouvir. O chiado palpitante dos *walkmen*, entreouvido (muitas vezes a contragosto) por aqueles que não compartilham do aparelho, porém do mesmo espaço acústico, revela que há uma crescente tendência a se ouvir uma maior quantidade de sons contínuos, sobretudo em um alto índice de decibéis. (VALENTE, 1999, p. 35)

Portanto, pode-se afirmar que toda a evolução dos maquinários tecnológicos trouxe ainda outra forma de percepção auditiva. Além dos abundantes sons “não naturais” que começaram a povoar o ambiente urbano, o desenvolvimento tecnológico trouxe a mudança fundamental do ambiente sonoro. A mediatização eletrônica do som possibilitou a difusão sonora em

massa, fenômeno definido por Schafer como *esquizofonia*. Este neologismo indica o som que tem origem em um determinado lugar e sua audição em outro. *Squizo*=fendido e *phonos*=som.

A mediatização sonora permite, então, que o indivíduo possa ter contato com informações sonoras produzidas em ambientes que não o seu, viabilizando a taticidade mediatizada.

As gravações em disco apareceram como uma das primeiras formas de aplicação da *esquizofonia*. No entanto, o rádio é visto como o grande responsável pela popularização do fenômeno.

Segundo Schafer, o rádio pode ser entendido como a primeira parede sonora do século XX, uma vez que ele “fecha” o indivíduo no ambiente familiar, isolando-o do perigo externo.

Nesse sentido, apresenta semelhanças aos jardins medievais dotados de fontes e pássaros, circundam os castelos e isolam o homem do ambiente hostil da floresta. ‘O rádio tornou-se o canto dos pássaros do mundo moderno, a paisagem sonora natural, rejeitando as forças inimigas vindas de fora’. (SHAFFER apud VALENTE, 1999, p. 57)

Contestando a manipulação do rádio, Schafer defende o rádio fenomenológico. Um rádio não mediado, com a menor interferência possível. Para que dessa forma, a informação transmitida pelo veículo seja o menos subjetiva.

Um rádio não mediado seria colocar o microfone em qualquer lugar da cidade, num parque, num restaurante, e gravar o que está lá, mas não interferir no que está lá (SCHAFER apud. EL HAULI, 1998, p. 57).

A paisagem sonora e o rádio atual

A paisagem sonora foi utilizada como estética radiofônica por um grupo de vanguarda no início dos anos 30. Esse grupo inovou a programação radiofônica investindo em filmes acústicos. No entanto, a produção foi inviabilizada, uma vez que tropeçou em um público ainda não habituado à contemplação.

Quase um século mais tarde, a luta por um rádio que utilize a paisagem sonora como linguagem, pode se tornar viável. Assim, é possível potencializar as qualidades radiofônicas que têm como base o “som” e, ao mesmo tempo, iniciar a conscientização dos indivíduos para a importância da percepção auditiva, afim de que problemas como o da poluição sonora sejam compreendidos e solucionados.

É cada vez mais evidente o fato de que o homem moderno se distancia gradativamente da percepção auditiva do mundo. As mídias audiovisuais invadiram a atmosfera moderna, condicionando o ser humano ao “ver para crer”, e subestimando a capacidade da percepção auditiva. Este “esquecimento” da capacidade auditiva humana fica cada vez mais claro ao notarmos os problemas referentes à poluição sonora. Se o homem não estivesse tão insensível aos sons que o rodeiam, os centros urbanos não estariam sonoramente poluídos. Janete El Haouli defende a posição do rádio neste contexto:

[...] nesta virada de século e milênio, as rádios necessitam repensar suas responsabilidades pedagógicas, voltando-se para a questão da escuta das paisagens sonoras dispersas num meio ambiente o qual cada um de nós está inadvertidamente interferindo a todo o momento. Nada melhor do que o próprio rádio enquanto instrumento tecnológico e midiático – que hoje se alia ao satélite e à internet – para sensibilizar as pessoas, instigando-as a ouvir-se, a ouvir o outro, a ouvir a fascinante mutação das paisagens sonoras. (EL HAOU LI, 2000, p. 48)

A paisagem sonora nos radiodocumentários da UEMG

Em 2011, a primeira experiência dos alunos da UEMG com a paisagem sonora resultou em quatro radiodocumentários que, apesar de não apresentarem a paisagem sonora pura, em seu grau mais elevado, facilitaram que os programas explorassem além da narração, além do texto falado. A escolha da trilha sonora e os sons no fundo das entrevistas demonstraram uma preocupação dos alunos em transpor a realidade que desejavam reportar por meio de um panorama mais complexo, explorando outros elementos além da palavra. Os temas desenvolvidos, em grupos de quatro ou cinco alunos, foram variados: Cultura Raiz, Jeito Mineiro, Rivalidade Corinthians VS. Palmeiras e a Noite Frutalense.

Em 2012, já foi iniciado o trabalho com o mesmo objetivo. Porém, neste ano, o intuito é estimular os alunos para que busquem a inovação cada vez mais a fundo, utilizando o som, o ruído e o silêncio como elementos de uma paisagem sonora aliada a sua mais alta possibilidade de informação, extrapolando os formatos convencionais de radiojornalismo e buscando caminhos sonoros ainda pouco explorados.

Referências bibliográficas

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2010.

CORRÊA, Rodrigo Manzano. **Ouvido-repórter: por um rádiojornalismo acústico**. Trabalho de conclusão de curso. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2000.

EL HAOU LI, J. **Radiopaisagem**. Tese de doutoramento. ECA – USP, 2000.

KAPLÚN, Mário. **Producción de Programas de Radio – el guión, la realización**. CIESPAL, 1971.

MEDITSCH, Eduardo. *O rádio na era da informação*. Florianópolis: Insular, 2001.

SCHAFER apud. EL HAOU LI, J.; FONTEERRADA, M.; TABORDA, T. **A paisagem sonora da cidade**. Texto elaborado para os seminários de Música Pró-Arte. Rio de Janeiro, 1998.

SCHAFER, M. **O ouvido pensante**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

VALENTE, H. **Os cantos da voz – entre o ruído e o silêncio**. São Paulo: Annablume, 1999.